

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NA MULHER NEGRA: INFÂNCIAS¹

Bruna Carolina de Souza Silva²Helder Rodrigues Pereira³

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar uma discussão sobre a questão da discriminação racial no Brasil, principalmente aquela que envolve a infância e o feminino. A menina negra em suas vivências discriminatórias e as discussões psicológicas sobre o tema se constituem, pois, no objeto do estudo aqui apresentado. Para tanto, parte-se de uma discussão histórica quando, no Brasil, foi sendo construída uma imagem negativa do negro no âmbito de uma nação que vivenciava os primeiros anos de um abolicionismo excludente que, na realidade, relegou os escravos e seus descendentes às periferias das grandes cidades, pois as autoridades queriam os centros urbanos livres das chamadas classes sociais perigosas. Neste contexto, surgem outras formas de discriminação, chegando à infância e relegando-a a condições subalternas, fazendo também uma abordagem sobre a imagem que a criança discriminada faz de si mesma. Ora, a construção dessa autoimagem é aqui também objeto de discussão, pois é preciso problematizar temas considerados tabus na sociedade, a fim de que haja a possibilidade da construção de uma sociedade que seja, afinal, para todos.

Palavras-chave: Racismo. Infância. Feminino. Psicologia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda os impactos do racismo na construção da autoimagem da menina negra, perpassando pela constituição do Brasil enquanto sociedade racista que se oculta na máscara de país diverso e receptivo a todas as raças e culturas. Para a realização deste trabalho, foi usada de revisão bibliográfica, estabelecendo uma base de conhecimentos que atravessam o tema, estabelecendo um diálogo entre as obras e as reflexões propostas. Levou-se em conta as discussões históricas e sociais para a compreensão das bases do racismo institucionalizado no Brasil, desde o período colonial. Foi feita também

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, apresentado sob o formato de artigo científico ao colegiado do Curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, em Barbacena – MG, no ano de 2023.

² Aluno do Curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, em Barbacena – MG. Matrícula n. 191-000798. Endereço eletrônico: 191-000798@aluno.unipac.br

³ Professor orientador. Curso de Psicologia – UNIPAC – BARBACENA.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

uma breve incursão pelos caminhos antropológicos, a fim de buscar compreender as questões culturais inerentes às ideologias racistas e, por fim buscou-se uma discussão com a Psicologia Socio-Histórica-Crítica.

As discussões que são apresentadas procuram evidenciar o lugar simbólico ocupado pela mulher negra em dupla discriminação no universo machista e branco. Busca, por uma breve incursão no universo simbólico, apresentar as implicações do racismo na infância e como são estabelecidos os conflitos iniciais na vida de uma criança negra que, no contato com o outro, se descobre diferente e inferior, dadas as expectativas interiorizadas na cultura onde se encontra. São estabelecidas reflexões sobre a vivência da menina negra e os impactos gerados em uma sociedade que a faz buscar por um padrão que a ela é inalcançável, acarretando-lhe a ideia do fracasso e do mal-estar.

Para o estabelecimento de diálogos pertinentes com a atualidade, buscaram-se as ideias de alguns autores, dentre os quais cita-se Kabengele Munanga, antropólogo e professor, em cujos escritos discorre sobre o racismo no Brasil em uma ótica histórica contemporânea, sendo possível uma linearidade no entendimento da raiz racista e suas manifestações ocultas atualmente. Abdias do Nascimento, professor e ativista dos direitos civis, também foi escolhido. Em sua obra: O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado (2016), o autor retrata as várias facetas desse racismo vigente no Brasil. Artigos que abordam as temáticas paralelas ao tema desse artigo como: “Mulheres negras e o cabelo: racismo, sexismo e resistência”, que traz um olhar sobre o feminino e a negritude e como esse espectro é atravessado pela sociedade racista e pelo machismo hodierno. Ressalta-se também o “Racismo na infância: impactos psicológicos”, pelo qual é discutida a ótica da infância negra e como o racismo sofrido pelas crianças impacta nos mais diversos campos de suas vidas.

Tecendo uma linha entre essas obras, foi possível estabelecer entre elas o entendimento do nascimento do racismo típico brasileiro e como era a vivência dos negros escravizados, os estigmas atrelados às suas figuras e como estes se manifestam também atualmente, perpetuando-se e atingindo as crianças negras,

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

principalmente no enfoque do tema discutido, que é a menina negra e a sua autoimagem em busca pela feminilidade. O desenvolvimento do presente artigo permite compreender que os impactos do racismo na autoestima são profundos, afetando outros campos de sua existência, levando a pessoa a não aceitação de si mesmo, projetando em si os complexos sinais de decrepitude social.

O tema abordado tem seu caráter de importância visto que cada vez mais cresce o movimento negro, que luta contra o racismo e busca a descolonização de seus corpos. Portanto, abordar essa temática, tendo como foco a infância e, mais especificamente, a menina negra, faz dele uma discussão necessária, não só pela ótica social da discussão do movimento negro, como também a ordem psicológica do desenvolvimento pessoal. O racismo, por assim dizer, corre nas veias da nossa nação, visto que é também institucional e, portanto, estrutural, já que as crianças são afetadas profundamente por suas marcas evidenciadas na sociedade e suas instituições. Sendo assim, torna-se interessante que todos entendam a importância e busquem o letramento racial para lidar da melhor forma com essas crianças, possibilitando não só o seu empoderamento, tendo como possibilidade o desenvolvimento de melhores condições de vida.

1 RACISMO NO BRASIL: ESCAPANDO ÀS CONTROVÉRSIAS

Brasil, um país plural, aqui todos celebram juntos manifestações culturais dos povos originários e também aquelas importadas dos imigrantes que aqui se instalaram há muito tempo atrás, sempre mostrando como esse país é para todos. Afinal, o Brasil é um país construído de muitos povos que criou essa nação que vemos hoje, diversa, que abraça todas as culturas, costumes, crenças e ainda hoje recebe pessoas de vários países. O tom irônico dessa apresentação introdutória vem demonstrar o questionamento que vamos estabelecer como direcionamento geral do presente artigo.

Não obstante a propaganda ufanista da miscigenação brasileira e das toadas que embalaram vários carnavais, exaltando a sensualidade dos mestiços e

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

negros⁴, o que se experimenta na realidade é que, no Brasil, a todo momento, há um discurso – ora mostrado, ora oculto – de exaltação de descendentes europeus. Isto não é fortuito: afinal, durante muito tempo, a Europa era vista como um continente privilegiado em termos da construção do conhecimento, das ciências, da força e da organização social. Desta forma, seus brasões, sobrenomes e costumes culturais são exaltados, em detrimento do que foi construído neste país também por outras culturas e, inclusive, pelos autóctones. A questão que aqui se põe é a forma como essa exaltação é feita: um atestado de não pertencimento ao Brasil, por ser considerado por demais miscigenado, grandemente selvagem e irremediavelmente sem cultura.

Ademais esse eurocentrismo latente vai criando condições ideológicas tais que são capazes de estabelecer um abismo na construção do Brasil que, de um lado, comporta os brancos eurodescendentes e, de outro, comporta negros e mestiços, capazes de trazerem em sua condição, as piores considerações sobre os não europeus: devem ser afastados por serem temidos; são temidos porque são perigosos; são perigosos pois sua natureza mestiça ou negra descende de povos embrutecidos pela própria natureza. Ao discutir o conceito de “classes sociais perigosas”, o historiador Sidney Chalhoub (1999) evidencia o quanto os negros e mestiços eram colocados também entre os suspeitos pela disseminação não apenas do medo por seus supostos atos violentos, mas também pela transmissão das doenças que se tornaram epidêmicas no Rio de Janeiro que vivia seus últimos momentos de corte imperial.

Ao voltarmos nossa atenção para uma breve análise semiótica da iconografia dos continentes, podemos evidenciar uma Europa que se imagina (cria imagens de si) superior. Uma superioridade marcada pelos signos do desenvolvimento: desenvolvimento da escrita – o que lhe permite ter uma História como memória e consciência de si – e da ciência – o que lhe permite a conquista

⁴ Será usado o termo **negro**, por uma escolha da autora deste artigo, a partir de uma ótica de ressignificação e retomada desse termo, de forma não discriminatória. Em um momento em que se debate tanto a negritude, optou-se pela terminologia negro, de forma crítica e em contrapartida ao racismo latente da sociedade Brasileira e seus impactos no processo de ser negro, aspectos centrais deste artigo.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

de outros povos, continentes e riquezas. Ademais, ela se apresenta como uma mulher vestida, o que lhe coloca suficientemente distante da natureza primitiva, cuja marca é, dentre outras, a nudez, traduzida muitas vezes como inocência, mas principalmente, como ausência de cultura racional elaborada. (Anexo I). Por seu turno, a América tem uma iconografia igualmente expressiva: ela é uma mulher desnuda, ornada com peles de animais ou penas de pássaros, o que representa seu caráter primitivo de comunhão com a natureza. Sua representação está evada de primitivismo: os seus povos lutam agressivamente, são canibais e não guardam os princípios básicos da religião cristã, tida como a mais espiritualizada e, portanto, mais desenvolvida (Anexo II). Ora, tais representações definem um desejo de identificação também. Destarte, melhor se identificar com os símbolos do desenvolvimento do que com os do primitivismo. A América é selvagem e mestiça, ao passo que a Europa é organizada, espiritualizada e branca. Esta, por certo, não é a única razão, mas sem dúvida, é uma das que sustentam desde longa data a identificação de alguns brasileiros com os pressupostos europeus de desenvolvimento, ao passo que buscam se distanciar daqueles homens e costumes que retratam uma nação primitiva e não civilizada.

O Brasil é um país muito diverso, sua constituição nacional realmente vem de muitos povos que o constituíram como nação e, ainda assim, apresenta comportamentos e pensamentos racistas enraizados em seus costumes e instituições. Podemos começar falando principalmente que o Brasil, no contexto das Américas, foi o último país a abolir a escravidão e, diferente de outros países, não concedeu aos escravizados recém-libertos quaisquer recursos que pudessem ajudá-los a reconstruir a liberdade. Esta disposição política talvez permita entrever que seria desejável manter no cotidiano das relações os mesmos moldes da escravidão e o controle sobre os negros e seus costumes, colocando-os em constante situação de suspeita e, portanto, vigilância. Comportamento este sustentado pela ideologia da periculosidade daqueles que, além de sua primitiva origem, deviam guardar fortes rancores contra os antigos senhores que lhe escravizaram.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Não só a falsa abolição é um ponto importante, mas também as chamadas “políticas de clareamento” da população, a partir das quais era incentivada a vinda de povos europeus e o estabelecimento de relacionamentos interracialis para que os descendentes fossem se tornando cada vez mais claros, com o objetivo de ir extinguindo a população negra do Brasil. O que se pode evidenciar é que a miscigenação, tão romantizada no país, traz consigo uma ideologia racista e eugênica.

Voltando a nossa atenção para uma análise semiótica iconográfica acerca do tema eugenista. (Anexo III). A imagem, retrata uma avó negra retinta, agradecendo com as mãos erguidas e olhos voltados para ao céu que seu neto nasceu branco, sua filha – que segura a criança – também uma mulher negra, com a pele já mais clara que a mãe, tem seus olhos voltados para o filho, aponta a mãe demonstrando ao filho – que também olha para a avó – que seu nascimento é uma benção, o pai mais ao canto observa seu filho orgulhoso, não só de seu filho ter nascido branco, como também do seu lugar de ser quem teve o poder de encerrar a linhagem negra dessa família, ele como homem branco é portador da benção. A obra chamada ‘A Redenção de Cam’, expressa muito bem essa política de branqueamento, não só retratando esse núcleo familiar de três gerações, onde a terceira nasce branca, como também, pelo nome, que traz esse personagem bíblico, Cam, que teve seu descendente, Canaã – e também seus descendentes – condenados a serem servos. Passagem bíblica usada para justificar a escravidão dos povos e em algumas interpretações consideram os descendentes de Canaã negros, para justificar especificamente a escravidão dos povos africanos. Ou seja, essa pintura usa da alegoria religiosa para retratar esse processo eugenista, onde apenas branqueando a população negra é que eles eliminariam sua maldição de ser negro, branqueando seus descendentes e assim estes poderiam ser livres e enquanto sociedade, esta, estaria civilizada sem as heranças selvagens e incultas vindas de África.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

A história do racismo no Brasil é importante e deve ser evidenciada. Casos emblemáticos como o do norte-americano Emmet Till⁵ mostram a violência racista e jurídica contra a população negra. Aqui no Brasil parece haver quase um consenso entre a população branca que, para que seja considerado um ato ou injúria racista, é preciso uma cena grandiosa, pois as discriminações ordinárias são diluídas e se perdem no contexto da vida cotidiana. Exceto para quem sofreu a discriminação, obviamente.

Mas, o maior problema da maioria entre nós parece estar em nosso presente, em nosso cotidiano de brasileiras e brasileiros, pois temos ainda bastante dificuldade para entender e decodificar as manifestações do nosso racismo à brasileira, por causa de suas peculiaridades que o diferenciam das outras formas de manifestações de racismo acima referidas. Além disso, ecoa dentro de muitos brasileiros, uma voz muito forte que grita; “não somos racistas, os racistas são os outros, americanos e sul-africanos brancos”. Essa voz forte e poderosa é o que costumamos chamar “mito de democracia racial brasileira”, que funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem. Assim fica muito difícil arrancar do brasileiro a confissão de que ele é racista (Munanga, 1999, p. 121).

Ingenuamente, parece que se considera que a falta de um racismo institucionalizado⁶ no Brasil (como o Apartheid, por exemplo, ou a Ku Klux Klan), promove uma relativização odiosa que nega que haja racismo à moda brasileira, conforme afirma Munanga (1999).

O Brasil oculta sua raiz racista com a falsa democracia racial, que prega o homem branco escravagista como senhor benevolente, como se a escravidão

⁵ Emmet Louis Till foi um jovem afro-americano linchado, torturado e morto em 1955, após ter sido acusado de assobiar para uma mulher branca. Seu caso repercutiu por todo o país, pois sua mãe fez questão de que o mundo visse a brutalidade no corpo desfigurado do filho. Os acusados foram julgados por um júri composto totalmente por brancos e foram absolvidos. Após a absolvição, confessaram o crime, mas como já havia sido julgado nada foi feito. Sessenta anos depois a mulher acusadora confessou que mentiu e nada aconteceu a ela. O brutal assassinato e a impunidade dos envolvidos foi um episódio que fomentou a luta por direitos civis dos afro-americanos.

⁶ Silvio de Almeida (2018), apresenta o racismo institucional enquanto um racismo que não se restringe às relações cotidianas e comportamentos e sim como algo que é resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

fosse uma oportunidade de vida melhor para o povo africano, já que o continente africano como um todo era uma terra primitiva e pouco evoluída e que aqui ambos, escravizados e senhores compartilhavam costumes e culturas, mas a verdade é que o Brasil que conhecemos se ergueu do trabalho dos escravizados.

O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca (Nascimento, 2016 p. 54).

Um povo que foi forçadamente a base do nascimento dessa nação, abaixo de muita tortura e violência, então criou-se a narrativa de que pelo menos eles podiam exercer sua cultura, ato que lhes foi permitido, não por suas lutas travadas e muita resistência, que custaram ainda mais sangue e vidas e sim pelos senhores.

Fugindo a essas narrativas fantasiosas que servem apenas para que ninguém tenha que se haver com as consequências do período escravocrata desse país, além de tudo o que foi infligido ao povo negro no período escravocrata no que abrange a questão de força de trabalho. Os escravizados foram violentados de muitas outras formas, o homem escravizado forte, deveria além de trabalhar, se reproduzir bastante, assim seu senhor poderia futuramente dispor de mais escravizados com força física igual, não é difícil concluir que essa reprodução era feita de forma animalesca, não havia qualquer respeito aos relacionamentos amorosos dos escravizados, afinal esses nem eram considerados quando se pensava no aspecto familiar, família é uma união religiosa de valores que não poderia jamais ser usufruída por povo de costumes e comportamentos vistos como grosseiros.

A mulher negra escravizada ocupava um lugar ainda mais vulnerável em todo esse percurso histórico de escravidão, onde seu corpo não era explorado apenas como mão de obra escrava, era também o objeto de uso das fantasias



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

sórdidas dos seus senhores e demais homens brancos, em um contexto onde, somente a mulher branca é digna do casamento, em sua figura delicada, angelical e seu corpo de usufruto apenas para a relação matrimonial, era forçadamente designado à mulher negra escravizada ser fonte de satisfação dos atos obscenos demais para uma relação cristã de costumes conservadores.

O mito da “democracia racial” enfatiza a popularidade da mulata como “prova” de abertura e saúde das relações raciais no Brasil. No entanto, sua posição na sociedade mostra que o fato social exprime-se corretamente de acordo com o ditado popular. Nessa versão, há o reconhecimento geral do povo de que a raça negra foi prostituída, e prostituição de baixo preço. Já que a existência da mulata significa o “produto” do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que após a brutal violação, a mulata tornou-se só objeto de fornicação, enquanto a mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório. Exploração econômica e lucro definem, ainda outra vez, seu papel social (Nascimento, 2016 p.69-70).

Ou seja, a mulher negra já ganha nos primórdios coloniais desse país dois grandes estigmas, a mulher para os serviços braçais ou domésticos e a mulher para o prazer, isso claro, após clarificar-se, quase como um fruto proibido, o resultado da relação entre os senhores e suas escravizadas, um produto que, ainda que desumanizado tinha um lugar considerado de menor sofrimento, por não ter que fazer trabalhos braçais, mas no fim seu corpo era explorado da mesma forma.

A mulher negra foi posta no lugar de antagonista da mulher branca burguesa, pois a ela era obrigatório fazer o que era proibido à mulher branca, o trabalho braçal e sexo fora do casamento, a imagem da mulher negra era retratada como animalesca, exemplo disto temos a Vênus Hotentote⁷, nome dado a uma cativa, que por sua forma física, recebeu esse nome por sua imagem

⁷ Vênus Hotentote, foi o nome designado a cativa Sarah Baartman, foi levada a Inglaterra para ser exibida enquanto uma aberração em shows de horrores, por ter baixa estatura e nádegas assim como genitálias protuberantes era considerada a Vênus Negra, exemplar da falta de beleza da mulher negra, assim como, sua forma corporal era associada a uma fêmea selvagem de sexualidade incontrolável, constituição totalmente oposta a imagem de beleza feminina branca.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

oposta a imagem do 'Nascimento de Vênus', exemplo de beleza esguia, pura e branca.

Ainda hoje é possível perceber de maneira velada e explícitas as marcas que ainda perseguem o povo negro, os homens são perigosos e agressivos, naturalmente inclinados a tendências criminosas e comportamentos desviantes, a mulher negra mantém seu lugar de menosprezo e fetichismo, negra maluca, periférica, sem educação, beleza exótica, cor do pecado, mulher quente. É sempre sobre atos e corpos, nunca pessoas, ainda há essa coisificação do povo negro.

2 RACISMO NA INFÂNCIA

Pelo longo histórico de escravidão do povo negro no Brasil, onde os escravizados eram completamente desumanizados pelo regime que se aproveitava dessa mão de obra forçada, os escravizados não eram só utilizados como ferramenta de trabalho, mas também sua cultura era inferiorizada como uma forma de justificar sua escravidão. Assim, sua religião era demonizada, seus costumes considerados selvagens e sua inteligência descredibilizada. Com isso, o negro ganhou um lugar muito bem estabelecido no imaginário dos brasileiros, e quando dizemos brasileiros, são todos, inclusive os negros, pois o racismo e a discriminação estão tão bem enraizados que até mesmo os próprios negros reproduzem o racismo ainda que os vitimize. Não é incomum, enquanto crianças, ouvirmos dos adultos falas carregadas de preconceitos sobre as mais diversas minorias e como elas apresentam um perigo real para a sociedade, ou mesmo anedotas carregadas do mesmo preconceito, que é normalizado simplesmente por ter esse teor humorístico.

Então, quando direcionamos nosso olhar para a infância, principalmente a da criança negra, esse racismo a atravessa de forma bem profunda, visto que a infância é um momento essencial de aprendizagem, quer seja no ambiente familiar, nos grupos expandidos da escola, com crianças próximas como as da vizinhança, por exemplo. Esses são momentos essenciais de socialização, mas

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

também são os momentos onde as crianças negras podem experimentar seus primeiros contatos com o racismo, muitas das vezes quando são tão jovens que nem sequer sabem o que implica em ser negro em uma sociedade racista.

Na socialização com outros grupos - necessária no decorrer de nossas vidas - a escola ocupa lugar principal, pois possibilita geralmente o primeiro contato com outras crianças, que vêm de contextos completamente diferentes. O encontro de diferenças provoca embates, principalmente nos casos onde há uma maior distinção entre as crianças, aquelas que fogem ao *padrão*, que têm alguma característica comumente indesejada e, por conseguinte, têm seu primeiro contato com o outro, que nem sempre se mostra afável e receptivo, exemplos de ações de estranhamento são demonstrados na evidência do *bullying* no ambiente escolar.

Além disso, sabe-se que as relações na Escola, apesar de sua importância, significam também um lugar muito perigoso, não só pelo *bullying* e demais tipos de violência, mas também pelo descaso por parte de muitos profissionais dessa instituição, onde ocorre uma normalização da vivência violenta na infância, por *estarem sendo apenas crianças*, para não terem que se implicar, mesmo em casos de racismo, cujas ações acabam por ser banalizadas inclusive por professores. Junto a isso vem a normalização e a banalização de atos e palavras violentas e racistas e, em vista disto, é comum não darmos voz às crianças e, portanto, não valorizamos suas dores e acabamos por contribuir na criação de ambientes hostis que, a seu modo, vão moldando o seu estar-no-mundo.

Desta forma, podemos evidenciar o quão problemático é este estar-com-o-outro, quando dele vem todo tipo de ações que inferioriza e exclui, justamente no momento em que é preciso formar uma identidade com o contexto onde se vive. Acaba por a criança negra desenvolver ideias sobre sua inadequação na sociedade, desacreditando em si mesma, culpando seus pais por tantas características odiosas e, principalmente, sentindo-se desprezada no ambiente de trocas, onde, via de regra, aceitamos o outro, aceitando-nos a nós mesmos.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

A violência parece-nos a pedra do toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, continua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e as ideias de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (Souza, 1983, p. 2)

Ao abordamos a infância sob a perspectiva de uma criança negra e como o racismo a atinge, o primeiro momento que parece ser o que as impacta e as faz perceber que há algo *diferente* com elas são os ídolos infantis: os meninos não podem se idealizar enquanto super-heróis pois, como veem, são brancos. Às meninas, por sua vez, é interdito o papel de princesas, pois não há um reconhecimento social sobre sua cor e a identidade apreendida de uma princesa nobre e governante do mundo dos brancos. Quando a criança percebe essa condição estrutural⁸ em seu entorno, acaba por identificar-se com o não-lugar para o qual se deslocam, forçosamente, haja vista que lhe falta referências para essa formação identitária. A este respeito, Fernandes (2018, p. 8) nos ajuda a refletir nos seguintes termos:

A falta de representação de crianças negras acarreta impactos significativos na vida das mesmas. É importante a representatividade e empoderamento desde a educação, livros infantis com personagens negros e com temática étnico-racial, bonecas negras no mercado, até figuras públicas negras na mídia no geral (Fernandes, 2018, p. 8).

Logo, tudo o que elas aprenderam a admirar no consumo das obras infantis, não as representa. Portanto, elas não se veem naquilo que é bonito e admirável. Em contrapartida, elas facilmente se veem nos noticiários, seus iguais sendo *destaque* no noticiário, de olhos vendados, ora como criminosos, ora como vítimas da violência institucional. Violência demonstrada também na apreensão de sua imagem pela mídia, que as representa no histórico da escravidão ou em papéis sociais que pouco se afastam da subserviência.

⁸ Silvio de Almeida (2018), demarca o racismo estrutural enquanto decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

É assim que, estruturalmente, o menino negro não pode ser o super-herói, mas ele pode ser a pessoa que trafica drogas e morre no confronto com a polícia. Da mesma forma, a menina negra não pode ser a princesa, mas pode ser a empregada doméstica de uma boa família, que a trata com zelo no cotidiano da execução das tarefas. Então, a criança negra se depara com todas essas questões que implicam em sua vivência de ser negra compreendendo que *ser negro não é bom*.

A auto-imagem da criança negra é construída nas interações que estabelece com os membros da família, com o grupo escolar, os vizinhos e outros grupos sociais. Essas interações são mediadas por padrões, por crenças, práticas e normas de toda sociedade que determinará a forma como a criança elabora e organiza suas referências no mundo, e isso se repercutirá na formação de sua identidade. É nas interações que a criança internaliza os estereótipos negativos ligados ao negro, construídos no imaginário social, sendo disseminado pelos veículos de comunicações e reproduzidos pela escola. A forma como a criança negra é tratada, as atribuições negativas que geralmente são impostas em sua mente, fazem com que a criança crie uma imagem depreciativa de si, contribuindo para uma auto-exclusão e uma baixa autoestima. Comprometendo, desta forma, o processo de construção de sua identidade, com idéias que desvalorizam suas características étnicas (Fernandes, 2018, p. 6).

Essa imagem negativa do ser negro impacta diretamente na infância, não só no aspecto social e relacional, como também na forma em que ela se reconhece. É comum que essas crianças não aceitem seus traços faciais, seus cabelos e sua cor buscando, a todo custo, distanciar-se de sua identidade negra e buscando aproximar-se de um ideal branco – o que também lhe é negado.

Apesar de hoje notarmos um avanço considerável na representatividade negra na mídia, em geral, ainda existe um abismo entre o espaço branco eurocêntrico e o negro; então, o que é bonito ainda é muito atrelado ao fenótipo caucasiano.

Os efeitos psicológicos como consequências do racismo podem se apresentar de diversas formas como: baixa autoestima; autoimagem; construção da identidade; insegurança; insatisfação; ansiedade; sentimento de inferioridade; tentativa de anulação dos seus traços de pertencimento racial (Fernandes, 2018, p. 5).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Então, a criança negra já internaliza todos os estigmas sociais que dizem do povo negro, buscando, assim, se distanciar daquilo que a constitui, em uma busca de um olhar, um lugar que ela almeja, o lugar de ser branco, que é esse lugar de poder ser e existir, de poder viver sem estar sob o olhar discriminado e uma violência que parece ser eminente.

Tais situações podem alimentar a ideia de uma suposta superioridade branca, o que contribui para o desejo, por parte das crianças negras, de pertencimento ao grupo branco, levando-as a rejeitar suas características de matriz africana (Fernandes, 2018, p. 7).

Mas como bem se sabe, mesmo com as anulações e até mesmo com alguns exemplos de ascendência social, a pessoa negra ainda é discriminada, em menor grau dado um certo nível de poder, mas em comparação aos de sua mesma classe social ela ainda será subjugada por ser quem é e como se é.

Naturalmente a criança negra buscará mesmo sem entender a complexidade e violência a si própria, romper com sua própria identidade, mascarando suas características fenotipicamente negras em busca do ideal de beleza branco, para assim ser aceita. Atrelado a isso, sabe-se que a pressão estética recai fortemente sobre as mulheres e cada vez mais cedo atinge as meninas, logo para as meninas negras a busca pela beleza e aceitação é dupla, busca-se um ideal de beleza inalcançável que vemos na mídia, corpo magro, pele sem imperfeições, sem pelos, entre outras características que uma mulher precisa ter para ser apazível e feminina, porém sabe-se que esse ideal parte de mulheres brancas, já que as mulheres brancas são bonitas; em contrapartida a mulher negra é uma mulher negra bonita, tem-se essa necessidade de deslocá-la, como uma beleza de segunda classe ou como algo tão raro que precisa ser destacado, sendo assim a busca torna-se dupla, precisa-se ser bonita e para ser bonita precisa-se ser branca ou aproximar-se dos significantes de beleza da branquitude.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

3 A AUTOIMAGEM DA MENINA NEGRA

Uma visão romântica do feminino cuidou de colocá-lo em um certo lugar de delicadeza, pureza e fragilidade, atrelando-o à imagem burguesa ideal da mulher branca. Por sua vez, a mulher negra ia sendo coisificada, anulada, reificada em um simbolismo do avesso ao que era designado por delicado, puro e frágil pois, partilhando dos destinos de seus irmãos de cor, a essa mulher eram destinados os mesmos qualificativos de seus pares: selvagem, sexualizada e forte para o trabalho duro – quer seja rural, quer urbano ou mesmo doméstico. Então, em se considerando o ideal romântico burguês de classificação do feminino, à mulher negra ele jamais seria permitido. Este lugar simbólico pode ser evidenciado em vários aspectos, dos quais podemos tomar por exemplo as considerações gerais sobre a beleza, que não vinculava mulheres negras em suas propagandas e tampouco dava visibilidade a uma estética do negro, relegando-o, via de regra, ao feio, ao sujo e ao execrável.

Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX. (Davis, 2016, p.29)

Atualmente, podem-se observar fortes movimentos negros que refletem sobre a beleza negra, questionando as violências raciais que levaram muitas mulheres a negarem suas características a fim de se enquadrar no padrão de beleza até então evidente: o eurocêntrico. Desta forma, cada vez mais, símbolos corporais da raça negra se abrem para o diálogo consigo mesmo e com o outro: a pele, os cabelos, os traços faciais e outras características que foram inferiorizadas pela cultura do branco.

Porém, para que erga a sua voz e busque o seu reconhecimento enquanto pessoa negra, é necessário que seja empreendida uma batalha interna. Essa que fez com que a mulher negra se visse sempre como aquela a quem algo falta –

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

algo europeu lhe falta – e é preciso que ela compreenda que muitos dos modelos recebidos fizeram remissão a um racismo vigente, evidenciado e constantemente atualizado na sociedade que sempre prezou o branco e desprezou o negro e qualquer tipo de mestiçagem – que não objetivasse o branqueamento -. Esse racismo, de alguma forma, interfere no modo como a mulher negra se vê, se pensa e se compreende no contexto geral, inclusive no econômico, quando ela acaba por interiorizar que a ela sempre será destinado um papel inferior nos modos de produção de riquezas.

No ambiente em que vive a menina negra, ela se encontra envolvida nesse embate, vivenciando um cotidiano que a deprecia e lhe convida a depreciar-se também. Há um cenário único onde muitas meninas negras crescem. Inicialmente, esse cenário é o familiar, mas, posteriormente, esse cenário vai sendo dilatado e, de simples menina negra, vai vivenciando o estigma da diferença. Essa diferença não deveria ser estigmatizante. Bastaria ser designada por simples diferença. Mas os vários elementos ideológicos se fundem e se prendem na concepção de sua raça – enquanto constructo social e não biológico -, seu passado escravo, suas práticas religiosas inferiorizadas em seu lugar de coisa.

Em uma breve pausa, podemos ler em um texto de Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e ex-presidente do Brasil (de 1995 a 2003), que considerava o escravo como coisa, no sentido em que sua vontade consistia em um reflexo da vontade do seu senhor.

O escravo se apresentava enquanto ser humano tornado *coisa*, com alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com “sentido”, pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores. Nesse sentido, a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos (Cardoso, 1997, p. 125).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Esta tese não é, decerto, a única que dá sentido às relações humanas estabelecidas na sociedade brasileira a partir da escravidão. Há autores que a contestam, como Chalhoub (1990), que mostra o protagonismo do escravo nos processos de busca pela liberdade – e não apenas como um passivo reflexo da vontade do senhor.

Há ainda contextos em que comparações com as brancas e internalizações de uma percepção discriminatória de si começa ainda mais cedo.

A autoimagem da criança negra é construída nas interações que estabelece com os membros da família, com o grupo escolar, os vizinhos e outros grupos sociais. Essas interações são mediadas por padrões, por crenças, práticas e normas de toda sociedade que determinará a forma como a criança elabora e organiza suas referências no mundo, e isso se repercutirá na formação de sua identidade. É nas interações que a criança internaliza os estereótipos negativos ligados ao negro, construídos no imaginário social, sendo disseminado pelos veículos de comunicações e reproduzidos pela escola. A forma como a criança negra é tratada, as atribuições negativas que geralmente são impostas em sua mente, fazem com que a criança crie uma imagem depreciativa de si, contribuindo para uma autoexclusão e uma baixa autoestima. Comprometendo desta forma, o processo de construção de sua identidade, com ideias que desvalorizam suas características étnicas (Fernandes, 2018, p. 06).

Assim, compreende-se que a família pode ocupar um ponto de neutralidade inicial, onde a criança negra é só uma criança e não se estabelece nenhum tipo de diálogo sobre o racismo ou o seu empoderamento. Paradoxalmente, este pode ser o primeiro contato da criança com o racismo, na medida em que ele é silenciado, impedindo reflexões e tomadas de consciência precoces sob a visão da criança negra acerca de seu lugar no mundo.

Antes de entrarmos nas problemáticas da percepção de si da menina negra é importante demarcar um espectro da vivência de famílias negras que não pode ser excluído da discussão dessa temática, que é a pressão para sempre estar bem arrumado “alinhado”. Não se trata unicamente de um cuidado estético, mas de uma verdadeira ferramenta de sobrevivência, dado o universo estigmatizado

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

em que vivem as pessoas negras. Trata-se, antes de mais nada, de diminuir a propensão de abordagens truculentas da polícia ou mesmo para diminuir a possibilidade de suspeição de roubos e ataques aos chamados “bons cidadãos”.

De qualquer forma, é nesse contato com o outro que a menina negra se sente deslocada com relação aos demais, haja vista não se enquadrar na expectativa estética usual. Começa, pois, a auto infringir-se mensagens radicais de descontentamento, culpando a si mesma e aos pais por terem-lhe negado elementos culturais tão nobres e refinamentos estéticos aceitáveis por si mesmos. Um desses elementos é o cabelo que, dentre outros, é a marca de sua negritude: o desalinho e a aspereza. Um símbolo que se enquadra na significância de sua vida que começa a se desenvolver na infância. O desalinho e a aspereza não significam, portanto, um colocar-se fora dos ideais democráticos positivos da ordem e do progresso, mas um rejeitar-se a sucumbir aos modelos radicais estabelecidos pela Europa e seus lacaios. Faltando-lhe elementos simbólicos de identificação cultural, ocorre à menina negra unicamente uma intervenção concreta no próprio corpo, nascendo nela a vontade precoce de amenizar a aspereza de seus fios, o que, para a sociedade, poderá significar a tentativa de tornar dóceis os seus atos particulares, significando uma necessidade de submeter-se aos ideais eurocêntricos de beleza e de organização social.

Desde a infância, portanto, a menina negra se vê presa nessa trama identitária e denuncia, a seu modo, a inexistência de uma pedagogia que lhe faça compreender o quão necessárias são todas as crianças para o auto-crescimento e o desenvolvimento da sociedade nacional. Há que se ressaltar o quanto os processos de internalização de preconceitos são nocivos. A menina inicia, desde cedo, a experimentar o desprestígio e a desconfiança advindas do seu simples nascimento, de seu ser-no-mundo, de estar aí para o desenvolvimento de sua humanidade.

Os traços estigmatizantes são evidenciados, a menos que se façam circular as mensagens da diferença como algo inerente ao ser humano. Simples

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

livros infantis, assim como, presença na mídia, palestras e outras ferramentas que abram espaço para estabelecer diálogos plenos de mensagens antirracistas podem se apresentar como instrumentos de reformulação da identidade nacional de tantas quantas são as pessoas que devem compartilhar a vida da nação, rejeitando os mitos das superioridades e das inferioridades, inaugurando espaços de trocas entre os sujeitos. Trocas intersubjetivas que devem ser proporcionadas pela própria sociedade, embora tragam em si uma certa desconfiança pelo que lhe é estranho. Freud (1919/2019) prefere denominar o estranho de “infamiliar”. Ainda que não seja essa uma palavra de uso corrente na língua portuguesa que se pratica no Brasil, o “infamiliar” (*das Unheimliche*) traz em si mesmo o seu caráter antitético – o que é estranho é, surpreendentemente, familiar. Em nossas discussões, portanto, a estranheza provocada pelas características do povo negro, pode ser reveladora de um desejo que se conhece, um desejo particularíssimo que reside em cada sujeito, a saber: o desejo de ser diferente, de experimentar o inusitado, de percorrer caminhos desalinhados e de arriscar-se por elementos não previsíveis pela razão. Pode ser que, devido ao estranhamento provocado, o *modus vivendi* do negro tenha sido afastado a fim de que fosse impedido qualquer risco de encantamento por belezas profundas jamais experimentadas no universo pretensamente regrado pelo racionalismo cartesiano presente nas expectativas dos brancos. Expectativas que se queriam límpidas, mas que se revelaram, nos processos de colonização, por exemplo, práticas jamais encontradas (no contexto dos diários de cientistas, religiosos⁹ e antropólogos) nas civilizações pré-colombianas ou africanas.

A cor da pele e os traços faciais continuam trazendo sofrimento à menina negra. Assim, ela se sente cada vez mais infeliz consigo mesma, principalmente quando se torna alvo de assédios e abordagens inoportunas (designadas, comumente, como *bullying*). A mídia, por sua vez, enfatiza o progresso do branco.

⁹ Dentre eles, podemos citar Bartolomeu de Las Casas (1542/1985), dominicano espanhol que fora enviado à América no início das ações colonizadoras ibéricas que, em uma de suas obras, evidenciou a humanidade do autóctone em franco contraste com a truculência dos espanhóis.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Os efeitos psicológicos que o racismo provoca, moldam a conduta e a maneira como esses indivíduos pensam, produzem e sentem. Em alguns casos de vítimas de racismo, autodestrói-se por não acreditar em si, com dificuldades de realizar determinadas atividades, tem falta de autoestima por ter internalizado o racismo ao longo da vida passando, pois muitas vezes o sujeito liga-se à ideologia da “brancura”, eliminando de seus pensamentos as características que fazem parte da sua identidade, podendo causar transtornos emocionais, de pensamento e de comportamento, por isso se faz tão importante a representatividade negra na mídia, pois contribui para o fortalecimento da identidade da criança negra (Fernandes, 2018, p. 03).

Reitera-se que os impactos do racismo na constituição da autoimagem não se limitam à não percepção de beleza da menina negra e sim como um todo. Essa menina não se perceberá aceita o suficiente, tratando de negar sua própria imagem. Este pode ser um dos seus problemas futuros com relação à autoimagem feminina, tornada rude ao longo de sua trajetória. Isto pode levá-la a se considerar inadequada para receber amor.

Em suma, refletir acerca dessas problemáticas não se trata de querer que a menina negra se sinta bonita e sim que a permita ver que os impactos do racismo na infância não prejudicam apenas a autoestima e autoimagem, como também todo o espectro relacional na infância e nos anos subsequentes da vida dessa menina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o percurso deste trabalho, podemos ressaltar certas considerações acerca das temáticas aqui tratadas. A figura da mulher negra, tendo sido sempre colocada como antagonista da mulher branca – figura de beleza ideal –, tem até hoje impactado na vida das mulheres negras, assim como nas das meninas que, em sua pouca idade, absorvem essa ideia de não ser e não poder ser bela, dada a sua não-branquitude. Observou-se que quando se cria prematuramente uma visão desgostosa de si como ocorre com muitas meninas

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

negras, não só a autoimagem, como também todo o espectro relacional é afetado por essa internalização do racismo.

O tema posto tem seu caráter de importância para campos além das discussões raciais, visto que este é um trabalho de conclusão do curso de Psicologia. Problemáticas como as que abarcam a vivência das meninas negras deverão aparecer nos consultórios de Psicologia e, portanto, torna-se importante o conhecimento sobre a temática em questão, assim como em outros campos de trabalho onde o psicólogo estará inserido, como a escola, onde o *bullying* ocorre, principalmente. Os outros profissionais que trabalham com crianças, como os educadores e demais funcionários das escolas que atuam diretamente com as crianças, deveriam buscar também esse tipo de discussão, para saber mediar não só os conflitos dessa ordem, como buscarem a promoção de uma educação mais diversa. A família, em seu importante papel, quando se trata dessa temática, também deveria buscar essas discussões, visto que uma menina negra que parte de uma família que a prepara e trabalha com ela sua cor e suas características, promoverá a possibilidade de que essa menina consiga lidar melhor com as vivências em nossa sociedade racista.

Ainda há muito o que se discutir sobre essa temática. Percebem-se que os impactos do racismo na construção da autoimagem da menina negra parte de toda uma rede de preconceitos que vem do racismo presente em nosso país. Então, em se tratando de um problema social, é necessário que haja um combate coletivo. Em um país como o Brasil, que oculta sua face racista e as discriminações cotidianas, abrir espaço para essas discussões é também um ato de resistência.

**REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION OF THE FEMININE IN
BLACK WOMEN: CHILDHOODS**



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

ABSTRACT

This article aims to present a discussion on the issue of racial discrimination in Brazil, especially that which involves childhood and women. The black girl and her experiences of discrimination and the psychological discussions on the subject are, therefore, the object of the study presented here. In order to do this, we start with a historical discussion when a negative image of black people was built up in Brazil in the context of a nation that was experiencing the first years of an exclusionary abolitionism that, in reality, relegated the former slaves and their descendants to the outskirts of the big cities, because the authorities wanted the urban centres to be free of the so-called dangerous social classes. In this context, other forms of discrimination emerged, reaching childhood and relegating it to subordinate conditions, also addressing the image that discriminated children make of themselves. Now, the construction of this self-image is also the subject of discussion here, because it is necessary to problematise issues that are considered taboo in society, so that there is the possibility of building a society that is, after all, for everyone.

Keywords: Racism. Childhood. Female. Psychology.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. de. **O que é o racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional:** o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CHALHOUB, S. **Visões da liberdade:** uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, S. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe** (1981) Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE LAS CASAS, B. **O paraíso destruído:** brevíssima relação da destruição das Índias (1542). 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1985.

FERNANDES, N. C. **Racismo na infância:** impactos psicológicos. VII Congresso Internacional de Psicologia da UEM. Psicologia, políticas públicas e desafios em tempos sombrios. Maringá, 2018.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

FREUD, S. **O infamiliar** (1919). Trad. Ernani Chaves. São Paulo: Autêntica, 2019.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 52-72.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ANEXOS**Anexo I – Alegoria da Europa**

FONTE: https://artsandculture.google.com/asset/europa-s%C3%A9rie-de-alegorias-dos-quatro-continentes-jos%C3%A9-te%C3%B3filo-de-jesus/1QGfs_k88Ex4uw?hl=pt-br

Anexo II – Alegoria da América

FONTE: <https://artsandculture.google.com/asset/am%C3%A9rica-s%C3%A9rie-de-alegorias-dos-quatro-continentes-jos%C3%A9-te%C3%B3filo-de-jesus/dwGbmj4qBCMxpA?hl=pt-br>

Anexo III – A redenção de Cam (1895)

FONTE: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>